



AS CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID) NA FORMAÇÃO O FUTURO PROFESSORES DE LIBRAS

Greice Kelly Nascimento Santos Costa¹
Juliana Guimarães Faria²

Resumo:

A temática refere-se ao estudo das contribuições do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) para a formação do professor de Libras, surdo e ouvinte. A pesquisa objetiva analisar de que forma o Pibid do curso de Letras: Libras na UFG contribui para uma melhor formação do futuro professor de Libras. Além disso, visa uma reflexão da necessária e inseparável relação teoria e prática na formação docente. Para isso, realizou-se um estudo bibliográfico sobre a importância da prática na formação de professores e sobre o Pibid em outros cursos, na parceria entre a Educação Superior e a Educação Básica. Como metodologia utilizou-se uma abordagem qualitativa e o instrumento para coleta de dados foi um questionário aplicado a pibidianos surdos e ouvintes, alunos do curso de Letras: Libras da UFG. Este foi composto por 27 perguntas, ligadas aos objetivos de pesquisa, visando resultados comparativos entre os alunos pibidianos surdos e ouvintes. Os estudos de Freire (1997), Gesser (2012), pesquisa-ação (ANDRE, 2001) e metodologia de ensino de Libras L1 (BASSO, STROBEL E MASUTTI 2009) e L2 (GESSER, 2010) constituíram bases para análises dos resultados. Concluiu-se que o Pibid é uma oportunidade de aprendizagem profissional, com atividades de desenvolvimento e valorização principalmente para os futuros professores surdos e ouvintes, pois possibilitou a eles um maior aprendizado que articula a prática na escola e os estudos realizados na universidade. Principalmente no que tange a valorização do curso de Licenciatura em Letras: Libras e uma melhor qualificação para sua atuação.

Palavras-chave:

Pibid, formação de professores, Letras: Libras, UFG

THE CONTRIBUTIONS OF THE INSTITUTIONAL SCHOLARSHIP PROGRAM FOR INITIATION TO TEACHING (PIBID) IN TRAINING THE FUTURE TEACHERS OF POUNDS

¹ Graduada em Letras: Libras pela Universidade Federal de Goiás (UFG). greicekns@gmail.

² Pós-doutorado na Universitat Autònoma de Barcelona/Espanha e Universidade Federal de Goiás. E-mail: julianagf@yahoo.com.br.



Abstract:

The thematic one refers to the study of the contributions of the Institutional Program of Initiation to Teaching Scholarship (PIBID) for the formation of the professor of Libras, deaf and listener. The research aims to analyze how the PIBID of the course of Letters: Pounds in the FUG contributes to a better formation of the future teacher of Pounds. In addition, it aims at reflecting on the necessary and inseparable relationship theory and practice in teacher education. For this, a bibliographic study was carried out on the importance of practice in teacher training and on Ipits in other courses, in the partnership between Higher Education and Basic Education. As a methodology was used a qualitative approach and the instrument for data collection was a questionnaire applied to deaf pibidians and listeners, students of the course of Letters: Pounds of the FUG. This was composed of 27 questions, linked to the research objectives, aiming at comparative results between deaf pibidians students and listeners. The studies of Freire (1997), Gesser (2012), action research (ANDRE, 2001) and methodology of teaching of Libras L1 (BASSO, STROBEL and MASUTTI 2009) and L2 (GESSER, 2010) formed bases for analysis of the results. It was concluded that Ipits is an opportunity for professional learning, with activities of development and appreciation mainly for future deaf and hearing teachers, because it enabled them to learn more articulating the practice in school and university studies. Mainly regarding the valuation of the Degree in Literature: Libras and a better qualification for its performance.

Keywords:

PIBID, teacher training, Letters Libras, UFG.

Introdução

Essa pesquisa refere-se as subscrições do Programa Institucional Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), para a formação do professor de Libras, surdos e ouvintes e tem como objetivo pesquisar quais as contribuições desse programa para a formação de professores surdos/ouvintes do Pibid do curso de Letras: Libras.

O Pibid se regulamenta pelo o decreto 7.219/2010, tem dado base para o trabalho oferecido em parceria com a Capes, onde oferece bolsas para estudantes do curso de Letras: Libras, na construção de experiência em escolas da rede pública, em diferentes áreas.

Na pratica pedagógica, sendo pibidiana, e também instrutora da rede municipal de ensino de Aparecida de Goiânia, percebi no início do estágio a separação dos ouvintes, que ficavam com a parte de construção dos planejamentos, e os surdos, somente executavam as aulas de libras. Sendo este um problema sério para o futuro desse profissional, pois a relação de teoria e prática devem ser integradas.



Esse estágio não pode negar aos surdos a aprendizagem da sequência metodológica do planejamento, pois torna ao paradigma execução da prática, e segundo Saviani (2008, p. 128):

Percebemos, então, que o que se opõe de modo excludente à teoria não é a prática, mas o ativismo do mesmo modo que o que se opõe de modo excludente à prática é o verbalismo e não a teoria. Pois o ativismo é a ‘prática ‘sem teoria e o verbalismo é a ‘teoria’ sem a prática. Isto é: o verbalismo é o falar por falar, o blá-blá-blá, o culto da palavra oca; e o ativismo é a ação pela ação, a prática cega, o agir sem rumo claro, a prática sem objetivo (grifos do autor).

Após a pesquisa bibliográfica e análise dos dados do trabalho de campo desenvolvido, percebemos a importância da teoria e prática na formação de pibidianos surdos e ouvinte, possibilitando a eles conseguirem aprender a construir os seus planejamentos individuais, tendo resultados claros no seu crescimento profissional e melhorias na qualidade do ensino.

Essa pesquisa tentará mostrar o papel do Pibid no desenvolvimento profissional e a sua relação com teoria e prática e nos avanços que podem ser alcançados. Sendo esta desenvolvida no Colégio Estadual Colemar Natal e Silva em Goiânia-Go, nas séries do 5º ano ao 3º ano do ensino médio, utilizando vários espaços, inclusive o AEE. Tendo a parceria com a gestão da escola e orientação dos coordenadores do programa do pibid.

O Programa foi criado por uma Portaria Ministerial, a Portaria Normativa n. 38, em 12 de dezembro de 2007. Mas, é em 2010, que sua regulamentação se dá por meio de um documento presidencial, o Decreto n. 7.219/2010. É princípio para o desenvolvimento do Pibid a valorização da formação de professores para a educação básica nas escolas, de forma que alunos de licenciatura exerçam atividades pedagógicas em escolas públicas de educação básica. É uma proposta da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes e oferece bolsas de iniciação à docência para as instituições, na qual auxiliam os alunos de licenciatura, estudantes universitários, o aperfeiçoamento da formação docente em nível superior, e, ainda visam a melhoria de qualidade de educação básica em escolas públicas.

Os princípios e objetivos do programa de Pibid, de acordo com a Capes, são:

- Incentivar a formação de professores em nível superior para a educação básica;
- Contribuir para a valorização do professor com bolsas que auxiliam os pibidianos;
- Estimular a integração entre educação superior e educação básica;
- Desenvolver a melhoria da qualidade da educação básica;



- Melhorar a formação dos estudantes de licenciatura, a partir do cotidiano de escolas da rede pública de educação, com criação de metodologias e ações, no exercício das experiências e práticas docentes, com novas ideias, contextualizando teoria e prática;
- Estimular os professores das escolas públicas e sua prática pedagógica, para que contribuam com a formação dos futuros docentes;
- Contribuir para a articulação entre teoria e prática, necessárias à formação dos docentes;
- Valorizar a reflexão sobre a construção do conhecimento na escola e no trabalho docente;
- Fomentar grupos de pesquisa sobre ensinar e aprender na educação básica;
- Estimular a autonomia dos professores-pesquisadores e a sua prática profissional;
- Possibilitar a integração interinstitucional (CAPES, 2012).

A equipe coordenadora do Pibid da Universidade Federal de Goiás - UFG formulou a proposta de ação desde 2008, quando é iniciado na UFG. As ações se dão a partir de propostas de experiências e atividades de formação de docentes, por meio de subprojetos de ensino e extensão em diferentes áreas e cursos, para a melhoria da aprendizagem nas áreas contempladas. Com financiamento da Capes, foi possível fazer ações de treinamento dos licenciandos, com metodologias e propostas diversificadas (PIBID – PROGRAD, 2014).

1 O Pibid e a formação docente

Barbosa (2014) nos mostra que a formação de professores não é tema novo, tem espaço dentro do âmbito do debate sobre a educação no Brasil. O que se vê dentro da escola é a necessidade de formação continuada, de oferta de cursos para os profissionais da educação.

O Pibid, como política do governo federal, foi um importante passo na formação e valorização docente no sentido de, justamente, possibilitar ações, no momento de formação inicial de professores, no qual coloca à docência como objeto de formação tanto para a universidade quanto para a escola (BRASIL, 2013).

O programa Pibid visa, como objetivo, o desenvolvimento da educação, formação e valorização do magistério na busca por uma educação de qualidade, a partir da formação



inicial de professores. Traz como um ponto principal de articulação, a importante relação entre teoria e prática, também articulação entre educação superior e educação básica.

É fato que falta um elo entre o que se faz na universidade e a escola básica no Brasil, porque, historicamente, a universidade tem estado muito distante da escola. Reconhece-se a importância de articular e relacionar teoria, prática e o que é desenvolvido nas universidades, seus métodos, bem como todo o conhecimento social produzido dentro da escola básica, com sua própria cultura e parâmetros que a constituem. Assim, é necessário investigar a forma e as práticas desenvolvidas no âmbito de programas como o Pibid. O Pibid desenvolvido na universidade, para a formação inicial do professor, se articula com as experiências da escola e com suas atividades, principalmente quando possibilita superar a dicotomia entre teoria e prática na formação inicial de professores, levando à necessidade de se pensar a relação entre universidade e escola.

Na formação de professores, historicamente, existe a falta de articulação entre educação superior e educação básica, percebeu-se, também, uma separação entre conhecimentos específicos e conhecimentos pedagógicos. Isso é algo arraigado da construção dos projetos políticos pedagógicos dos cursos de licenciaturas ao longo dos anos no Brasil. Nesse contexto, o Pibid avança como um programa de formação de professores, pois possibilita a quebra da continuidade da história do distanciamento entre universidade e escola.

Ao mesmo tempo, não só a aproximação entre instituição formadora e escola de educação básica é suficiente, mas possibilitar maior integração entre teoria e prática nos projetos pedagógicos de formação de professores. É ter como ponto de partida as condições teóricas que envolvem a docência, mas também refletir sobre “como ensinar”? Deve-se ter o cuidado, porém, para não se estimular a dicotomia teoria e prática, que coloca a prática como farol iluminador da teoria, mas integrar as duas numa relação dialética, numa perspectiva sócio histórica e cultura da formação.

Podemos considerar como um programa que se destaca para a formação de professores, por ser um espaço privilegiado para uma relação dialética, onde é possível debater os aspectos teóricos e práticos da atividade educativa. É possível tentar criar condições para o futuro docente, para o mesmo refletir sobre a teoria, e poder construir a sua prática de ensino, tendo compreensões sobre as experiências e desafios vivenciados na escola. Dentro da escola é necessário saber a teoria.



Barzotto (2013), explica que têm duas características básicas possíveis do trabalho docente dentro do Pibid:

- A) a pesquisa desenvolvida durante a execução das ações de ensino prevista nos subprojetos, considerando-se o espaço físico em que essas atividades se desenvolvem e, principalmente, a docência na escola básica como um espaço e tempo em que também se faz pesquisa;
- B) o que o aluno pibidiano que aprende a fazer é a própria pesquisa e não somente um texto específico como um projeto (p. 21).

Conforme Barzotto (2013), o professor precisa aprender a fazer a pesquisa de forma autônoma, tendo as próprias ideias em relação às atividades práticas, pesquisando e encontrando resultados e sentido real para suas necessidades, com reflexões. A docência torna a aprendizagem da pesquisa um momento de reflexão com relação aos aspectos da docência.

Para Gadotti (2004), os professores devem: saber se comunicar; pesquisar, ter raciocínio lógico; fazer elaborações teóricas; ter organização própria, ter disciplinas para o trabalho; dominar os conteúdos disciplinares e teóricos; desenvolver a autonomia e relacionar conhecimento teórico com as práticas.

Para isso, é preciso superar a prática de só reproduzir o conhecimento. Com a própria experiência de prática profissional, pode-se refletir sobre a sua realidade e levar para outros lugares a sua experiência adquirida, divulgando suas reflexões. O Pibid é espaço privilegiado para desenvolver essa habilidade, porque possibilita relacionar escola e universidade, licenciandos e alunos da escola básica, e os professores universitários e professores da escola básica, numa perspectiva de reflexão.

A universidade é um espaço privilegiado para buscar a interação entre produção de conhecimento, ciência, tecnologia e cultura. É importante essa busca, para ressignificar e exercer as atividades de docência e se desenvolver com a prática ligada aos contextos locais, sociais e institucionais, comportando-se como um futuro professor que planeja e organiza a ação. Os professores universitários precisam repensar a formação inicial, aprendendo continuamente a buscar a análise das práticas pedagógicas vivenciadas no cotidiano escolar e trazer essa realidade para os licenciandos.

Marques (2003) explica que a valorização da pesquisa como princípio educativo, traduz conceitos científicos para o nível das práticas sociais, e essas experiências nas instituições contribuem com a formação inicial do professor. Segundo Libâneo (2002),



[...] há que se considerar, sem dúvida, a importância da formação teórica, de uma cultura crítica, e aqui já se apresenta um dos sentidos da reflexividade. A escola é um dos lugares específicos do desenvolvimento da razão, portanto, de desenvolvimento da reflexividade. [...]. Mas, principalmente, a escola é lugar da formação da razão crítica através de uma cultura crítica, [...], que propicia a autonomia, autoderminação, condição de luta pela emancipação intelectual e social. [...]. Se queremos um aluno crítico reflexivo, é preciso um professor crítico reflexivo. (p.76).

As práticas pedagógicas dos processos são as formas de exercer a inter-relação entre os aspectos, mas não podem ocorrer independentes do outro, já os princípios mudam a educação, sendo essa formação inicial básica da teoria e prática dos professores.

Concebemos que o Pibid, coordenado pela Diretoria de Educação Básica Presencial da Coordenação Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pode contribuir com a transformação do espaço escolar, onde os futuros profissionais são estimulados e levados a reflexões críticas sobre a prática pedagógica, onde esse futuro docente é colocado na escola durante o seu processo de formação e tem a ação docente exercida junto ao professor experiente da educação básica, como seu parceiro e supervisor do programa. Nacionalmente, a Capes tem trabalhado para dar nova forma ao Pibid, que tem o caráter de política pública, visando trazer melhoria para alunos de licenciatura, na formação inicial, numa parceria entre a universidade e a escola.

Dentro do programa pode-se ter uma elaboração contínua, também se aprender sobre didática docente, se adquirir experiências, criar e confeccionar materiais pedagógicos, e outros, partindo do diagnóstico das necessidades dos alunos da escola. Além disso, é possível vivenciar situações de troca de experiências no grupo, visando uma formação que busque o desenvolvimento da capacidade de autonomia docente. Os alunos podem desenvolver um sólido conhecimento teórico, mas também, tendo a capacidade na pesquisa de planejar, como futuros docentes, uma prática coerente aos alunos escolares.

Se os pibidianos tiverem interesses em produzirem materiais didáticos, o Pibid se mostra como um espaço possível, pois podem ser utilizados em aulas e oficinas nas escolas, oferecendo uma experiência de conquista autoral. Os estudantes de licenciatura participantes podem ser estimulados a fazer resumos e artigos e propor apresentá-los e publicá-los em congressos e seminários, em diferentes partes do país, porque esse aluno possui orientação e acompanhamento nesse desenvolvimento de suas experiências com a docência.



Villata (1993) afirma que a pessoa que tem a capacidade de dominar a própria ideia a sentido se tem preocupado dominados, mas igualmente de como dominados elaboram e fazem projetos de combates flexíveis encontrando diversas maneiras necessárias para uma perspectiva de novos sujeitos, novos objetos e novas fontes com fatos e métodos de pesquisa para realidade.

Vavy (2006) disse, por exemplo, como antes, tem que destacar que a ideia de documento histórico, pois é, tudo aquilo que diz respeito as atividades humanas naturalmente, desde as mais simplórias (bilhete de loteria, receita de bolos, diários, etc.). Silva e Guimarães (2007) apontam algumas reflexões:

o que faz o professor/pesquisador/historiador quando ensina história? Como esse profissional traz de volta ao passado? Quais os temas, as fontes, os materiais, os problemas que escolhe para fazer s mediações entre o passado e o presente? Por fim, é igualmente, que é importante de qual passado tratamos quando se ensina história aos jovens e as crianças brasileira? (p.43).

É importante destacar os dois últimos itens citados: a associação entre teoria e prática e a articulação entre as disciplinas de conteúdo específico e de formação pedagógica. É necessário que ensino e pesquisa caminhem juntos e de forma articulada. Para tanto, satisfatoriamente, os conteúdos acadêmicos da faculdade, pois eles são compostos por atividades de pesquisas de própria autonomia.

Na prática de sala de aula novos métodos, técnicas, conhecimentos e elementos brasileiros com características de formação tendo a interdisciplinar, pois, está pretende auxiliar aparte teórica, prática e metodologicamente.

Fernando Hernandez e Montserrat Ventura (1998) explicam frente à adoção da interdisciplinaridade se, tem muito elogiado, mas pouco praticada, foi adotado no PIBID/História, como ajuda a parte metodológica, e a pedagogia de projetos? A proposta em geral pedagogicamente visa desenvolver a inventar um ambiente de aprendizado, capaz de tornar favorável educandos das escolas de educação básica a construção de novos saberes.

O motivo importante para que educandos e bolsistas atuem juntos no teatro, o que denota e indica, mostra e significa exemplo por meios de certos sinais em Libras a quebra do indivíduo responsável de organização entre o “professor”. Ao contrario houve a troca de conhecimento entre ambos no momento dos ensaios e da encenação.



De fato, na frente das atividades desenvolvidas, o autor Fonseca acredita que os projetos de trabalho, próprio no âmbito de ensino de História, possam ter contribuído com os objetos usados para realizar determinados trabalhos que facilitem o contato com fontes a realizações diversas, não apenas as ditas em afirmar de falar “fontes oficiais” da História com H maiúsculo, e também ampliar as possibilidades de crítica e compressão da História.

2 O Pibid Letras: Libras na Faculdade de Letras na UFG

Desde 2012 iniciou-se o projeto do Pibid pela Capes à coordenação institucional da UFG aprovando a instituições de educação superior (IES), a implantação junto ao subprojeto do curso de licenciatura em Letras: Libras/UFG, que buscou criar oportunidade para o Pibid institucional uma participação com bolsistas ouvintes e surdos que se misturaram.

Para desenvolvimento deste, a equipe teve que averiguar número de bolsistas de iniciação à docência participantes do subprojeto que se somaram 21 e o número de Professores Supervisores participantes do subprojeto que se somaram 04 junto ao número de Escolas parceiras totalizando 01.

A criação em 2009 do o curso de Licenciatura em Letras: Libras destina-se à formação de professores de Língua Brasileira de Sinais – Libras para atuarem na educação básica e no ensino superior. O licenciado deste curso poderá atuar, também, no desenvolvimento de pesquisas no campo da Linguística e da Linguística Aplicada, bem como exercer funções que tenham como foco principal a linguagem em uso, especificamente no que diz respeito à Libras.

Inicia-se como Bolsista no Programa Institucional de Iniciação à Docência (Pibid), que é um programa que concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino. As atividades do Pibid - Letras: Libras foram desenvolvidas junto ao Colégio Estadual Colemar Natal e Silva, em Goiânia, GO.

Primeiro deu começou os surdos trabalharam que em 2013 à 2016 atual. Na escola Colemar nossas atividades tiveram procedimentos didáticas buscando sempre, fazer a ação



das atividades nos objetos para que os alunos pudessem construir o que os surdos fizeram por meio de seus conhecimentos com relação ao conteúdo abordado na sala de aula.

Deste modo tínhamos a inquietação de não colocar o conteúdo, mas sim o princípio de construir, partindo dos conhecimentos antecipados e experiência no desenvolvimento da aprendizagem de cada aluno na escola. Que foram apresentadas eram compostos por materiais concretos e demonstraram resolução de problema, os quais levavam situações que envolviam o cotidiano dos pibidianos, deste modo, era capaz mostrar a utilidade dos conteúdos trabalhados, uma vez que eles estimulam a compreensão para solução das atividades propostas.

A pesquisa a propósito de formação de docente tem apontado a importância de se analisar a ação da prática pedagógica sendo algo a fundamental, ainda assim as abordagens buscam a partir da formação e da prática cotidiana a vida a aprender em conhecimento do pibid. (REIS, 2007 p. 89). Diz como, “é importante afirmar a diferença, ou seja, o sujeito do professor surdo, entender melhor a sua formação e entender a afirmação da postura do professor dentro do processo de identificação”. Este ajudou o pibid os surdos no desenvolvimento de profissional.

Algumas leis reconhecem a importância do surdo em aprender a sua L2 (português na modalidade escrita). De acordo com a lei nº 10. 436, de abril de 2002, deve-se reconhecer, comprovar a permissão do surdo da sua língua natural, que é a Libras para comunicar-se, entretanto garante que os surdos precisam utilizar da modalidade escrita a Língua de portuguesa. Esse existe um parágrafo único;

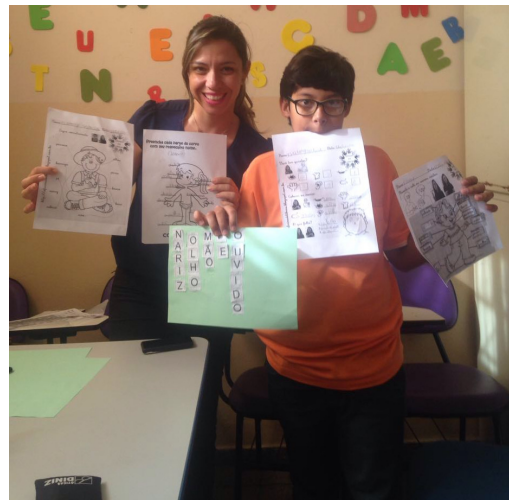
Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil. Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor. Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais



e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente. Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa. (BRASIL, 2002).

Nos sistemas educacionais estaduais, municipais e do distrito federal os alunos surdos tornam importante o alcance a interação do conhecimento por lei o uso LP na modalidade escrita. Essa língua de sinais é uma importante aquisição sendo primeiramente libras e outra ouvinte LP. Por isso o foco em conhecimento pelo processo de ensino da língua princípio com interação com línguas das diferentes modalidades promovem o desenvolvimento de experiências tanto com professores, quanto em alunos gerando a que capacidade em desenvolvem uma identidade de libras.

Figura 1 - Atendimento na sala AEE do Colegio Estadual Colemar Natal e Silva



Fonte: Costa (2016).

A pibidiana surda e aluno surdo na sala em Atendimento Educacional Especializado – AEE para crianças surdos, ela conseguiu aprender com aluno, ele tem dificuldade comunicar, sabe pouco, no processo das aulas ela ensinando melhor para ele. Ela aprendeu a fazer o metodologia como mostrado as imagem, com as atividades desenvolvidas com o aluno.

Figura 2 - Atendimento na sala AEE do colégio Estadual Colemar Natal e Silva



Fonte: Costa (2016).

Pibidiano surdo e aluno surdo em atendimento Educacional Especializado – AEE para crianças surdas. O pibidiano estimulou muito o aluno, ele mostrou a imagem e cada sinais das frutas e verduras de forma misturada. O pibidanos deve saber o nível de conhecimento do aluno sobre a libras, para poder montar as atividades para a prática dos sinais.

Figura 3 e 4 - Atendimento na sala de Libras e ministrado aula de Libras para Comunidade do Colégio Estadual Colemar Natal e Silva



Fonte: Costa (2016).

Nas figuras 3 a pibidiana surda ensinando os alunos ouvintes, e na figura 4 demonstra aulas ministradas em Libras para comunidade (Professores, Funcionários da escola e pais). Ela teve muita satisfação no aprendizado dos alunos adultos, sempre com muita atenção a interação pela pibidiana, a mesma demonstrou ideias, dinâmicas na sala de aula no contexto da Libras. Ela sentiu mesmo professora de verdade, sendo um é desafio importante e possível.

Figura 5 e 6 - Atendimento na sala AEE e exposição de cartazes do Colégio Estadual Colemar Natal e Silva



Fonte: Costa (2016).

Nas figuras demonstra a pibidiana surda e Alunos surdos, no atendimento Educacional Especializado – AEE para Adolescentes surdos. A pibidiana chegou na escola e sentiu a diferença no trabalho, pois ela aprendeu ensinar portuguesa para o desenvolvimento surdos, a mesma pesquisou e buscou o google: charges, gêneros textuais, vários exercícios de interpretação, e atividades desenvolvidas no atendimento com o grupo de alunos surdos. Ela mostrou como ensinar os surdos no contexto escolar e na sociedade, partindo dos conteúdos escolares vinculados às suas vivencias nas sociedades o desenvolvimento.

Figura 7 e 8 - Atendimento sala de Libras e exposição de aula do Colégio Estadual Colemar Natal e Silva



Fonte: Costa (2016).

As figuras demonstra as aulas ministradas pelo pibidiano surdo e os alunos ouvintes, junto com comunidade (Professores, Funcionários da escola e pais). O pibidiano ensinou a Libras utilizando uma dinâmica com os ouvintes, e ele percebeu a importância de mostrar e explicar a cultura dos surdos e a história do Surdo. Pois é necessário que os ouvintes



conheçam como é a cultura dos surdos no mundo, é mostrar aos pibidiano como ser professor , aprendendo com a interação com os alunos ouvintes.

Apresentação e análise dos resultados

O estudo comparativo entre os alunos surdos e ouvintes acontece por meio do questionário. Os participantes têm idade entre 20 anos e 44 anos, alguns alunos já formados em: Pedagogia, Letras Português, Bacharelado Estudos Literários, outros estavam cursando o curso de Letras- libras e alguns já possuem Pós-graduação em: Educação Especial na perspectiva do AEE, Psicopedagogia, Educação Infantil, Letramento e Estudos Linguísticos. Possuiu mestre, sendo treze mulheres e sete homens.

Eles tiveram experiência no Pibid, a maioria de dois anos no período de 2013 a 2016, e a maioria possui emprego de carteira assinada.

Os alunos do programa são atendidos dentro da escola que é comporta por seis áreas: 1. Ensino de Libras, 2. Escrita de Sinais (ELiS), 3. Hora do conto, Libras para comunidade, 4. Atendimento Educacional Especializado (A.E.E) para Crianças e (AEE) adolescentes. Dentro do programa existe uma mudança a cada 6 mês de áreas, porém, percebeu-se que alguns alunos acabam não mudando por falta de imposição da coordenação e por meio de envolvimento pessoal com alguns pibidianos.

A interação e o relacionamento entre os diferentes profissionais, como os profissionais da área de Letras: Libras, Língua portuguesa, Pedagogia e outras áreas, são essenciais na formação universitária e pode ser estimulada com programas e projetos. Além disso, experimentar diferentes experiências, como vivenciar realidades no ensino fundamental até o ensino médio. Isso é possível pelo Pibid, pois pode colocar no subprojeto de Letras: Libras, como desafio no desenvolvimento do diálogo junto com o coletivo da escola como um todo, a partir de reflexão do fazer nas ações.

Os surdos descobriram que as pesquisas como abordagem ajudam a teoria como metodologia ensinada na sala de aula. Agora atuando no pibid eles trabalharam e ainda trabalham fazendo plano de aula, planejamento didático da aula e material didático, dinâmica, fazem o relatório e etc. levando-os a aprenderem melhor na Libras, tendo mais confiança em



conhecerem novos sinais. Também foi de extrema importância principalmente na convivência com sala de aula e das responsabilidades que um professor deve ter, superar dificuldades, tendo autonomia de conduzir os alunos à aprenderem, buscando inovações para despertar interesse do aluno, uma vez que cada turma e cada aluno tem o seu ritmo particular de aprendizado e que o professor deve perceber e respeitar isso.

Os Pibidianos surdos e ouvintes também aprendem passo a passo como fazer o planejamento, de acordo (Vasconcellos, 2000) é importante a fundamental planejar, este constitui antecipar uma forma praticável e apetecível. Não planejar pode implicar perder possibilidades de melhores caminhos, perder pontos de entrada que são significativos, como: objetivos, conteúdos, metodologia, recursos e avaliação.

O planejamento fez com que os conteúdos relacionassem teoria e prática. O pibidiano trabalha na sala de aula. Depois senta com supervisora e coordenação para orientar os pontos positivos e negativos com interação. Também aprenderem concretas para melhor.

Foi desenvolvido um questionário para pibidianos, e foram analisadas algumas perguntas que achei interessantes. Resultados primeira pergunta que pertinente foi quando responderam que atuar no AEE foi a área mais difícil e que aprenderam com o Pibid a lidar com as dificuldades no planejamento das atividades com surdos. Como foi perguntado: Qual a área que achou mais difícil e por quê? Eles responderam especificamente:

Enquanto estive no AEE, aprendi muito sobre lidar com as dificuldades que a escola nos apresenta, pois, as dificuldades em preparar atividades de português para surdos e lidar com as limitações dos alunos eram grandes, mas nesse processo, tanto eu quanto os alunos cresceram muito (PIBIDIANO 1, Ouvinte).

No AEE para crianças, pois nunca tive experiência de ensino para crianças, no começo não foi fácil, mas, também aprender como descobrir as crianças aprendem mais rápido, ajuda muito a experiência (PIBIDIANO 2, surdo).

Percebeu-se nas respostas que os surdo e o ouvinte tem a mesmo desafio no AEE. O aluno surdo demonstrou maior dificuldade na construção do planejamento na modalidade escrita e na escolha de uma metodologia adequada.

Em outra pergunta, foi questionado: Quando ensinou os alunos perceberam e fizeram um diagnóstico com os diferentes graus de aprendizagem. Como organizou as metodologias para atingir um melhor nível de aprendizagem?



Primeiramente, fizemos uma avaliação dos alunos para saber em quais níveis estavam. Atividades e brincadeiras foram primordiais para descobrirmos suas reais dificuldades. A partir de então, elaboramos atividades específicas para cada aluno e também atividades em grupo (PIBIDIANO 1, Ouvinte).

No começo o primeiro um dia, fazer os diagnósticos os alunos um cada nível do aluno, possibilitar organizar a diferente metodologia para ajudar em cada aluno diferente nível (PIBIDIANO 2, surdo).

É preciso pensar dessas metodologias de objetivos para os alunos surdos que na Libras, as principais de focar: básico e avanço. Quando eles faltam melhorar atenção a Libras, os melhores de dialogar com gente em sala de aula, no entanto percebi alguém aprender pouco, porém faltas de aprende mais. Aluno surdo tem down, aluno surdo surda normal e aluna surda down (PIBIDIANO 3, surdo).

Nessa pergunta percebe que os alunos estão conseguindo fazer um diagnóstico nos primeiros dias e no decorrer do processo de ensino e aprendizagem de seus alunos. Os pibidianos com esse diagnóstico conseguem resolver problemas individuais de aprendizagem e desenvolveram metodologias diferentes como, dinâmicas e atividades diferenciadas para que todos os alunos aprendam.

Também foi perguntado se: Prefere atuar sozinho ou em dupla no PIBID? As respostas obtidas são de que o interessante é o trabalho colaborativo. Porém, os surdos se posicionaram como preferência o trabalho individual, como pode ser observado abaixo:

Atuar em dupla é sempre interessante desde que o colega colabore com o trabalho. Minha preferência sempre foi aprender com o outro, sendo assim, prefiro conduzir meus alunos numa aprendizagem colaborativa. Na época ainda na escola campo prefiro trabalhar em dupla (PIBIDIANO 1, ouvinte).

Sozinho, pois busco de aprender as coisas para dinâmica e material didático. Quando, porém, pouco confusão pessoa cada ensinar, falta de praticar o ensino, por isso (PIBIDIANO 2, surdo)

Eu preferi sozinha autonomia reforça dados conhecimentos aprender PIBID, eu como futuro a professora profissional (PIBIDIANA 3, surda).

Bom, preferido é sozinho por que eu precisar aprender de aula para ensinar os alunos. É igual instrutora de professora, mas muito importante autonomia sozinho no pibid. As vezes faço sozinho de aula para alunos, acho é fácil dá fazer para o trabalhar no pibid (PIBIDIANA 4, surda).

Na análise dos resultados foi percebido que quase todos os alunos surdos tem maior interesse em planejar sozinhos, porque não consegue estruturar nas sequências do



planejamento de forma clara o Português. E sozinhos conseguem aprender, e acabam sendo mais dinâmicos, autônomos e profissionais mais experientes. Os alunos ouvintes não tem paciência em ensinar e acabam fazendo na teoria o planejamento e deixa para o aluno surdo somente a prática.

Sendo questionado aos pibidianos: Como você compara sua experiência antes e depois do pibid? Explique?

Foi dentro do PIBID que me transformei professor, antes do PIBID eu era um aluno do curso de licenciatura, após o PIBID eu sou um professor me formando em um curso de licenciatura (PIBIDIANO 1, ouvinte).

No começo eu não sabia como começar a organizar, depois de entrar do PIBID, têm supervisores e professores me ajudar a decidir e organizar (PIBIDIANO 2, surdo).

Eu antes não experiência PIBID não conhecer plano de aula depois foi a escola usar libras PIBID que objeto importante plano de aula fiz vários língua de sinais (PIBIDIANA 3, surda).

A necessidade de se ter o Pibid na formação de profissionais, possibilita maior experiência e vivência em várias áreas. Diferentes desafios são enfrentados pelos alunos pibidianos, porém o programa tenta ajuda os estudantes ouvintes e surdos à aprender, planejar, organizar e desenvolver metodologia, baseada em autores que influência na sua prática pedagógica.

Considerações finais

O desenvolvimento e a valorização do Pibid pelos surdos na escola e na universidade, são uma oportunidade de realização profissional como professores, a experiência em buscar as teóricas e em problematizar a participação da universidade com surdos concretos, a fim de torná-los docentes com autonomia. É importante aprender muito, e ter o apoio aos coordenadores, professores supervisores e acadêmicos, os surdos são possíveis de produções do conhecimento pedagógico que valoriza a profissão docente.

Acredita-se que é fundamental que surdos e ouvintes sejam parceiros. A interação faz-se necessário e possível para as reflexões estimulando a troca de experiência do



desenvolvimento na sala da aula e o conhecimento para atuarem na educação básica de rede pública.

O pesquisador é considerado autônomo durante o momento de como refletir, buscar as teorias cotidianas das escolas, os conteúdos e disciplinas que serão abordados no contexto, a formação no interior dos cursos de licenciaturas, a fim de gerar um melhor ensino-aprendizagem com relação a vivência da prática profissional tanto para os licenciados, quanto para os pibidianos surdos desenvolvem assim, fortalecendo o PIBID na valorização dos futuros docentes surdos, e principalmente na valorização de libras da licenciando para que se tenha uma melhor qualificação para sua atuação como futuro professor.

Referências

BARBOSA, Marinalva Vieira. **Reflexões sobre a formação inicial de professores no Pibid.** Marialva Vieira Barbosa, Fernanda Borges Andrade Dantas, (organizadoras). Campinas: Mercado de Letras, 2014.

BARZOTTO, V. “**O que tem de diferente em um texto produzido na universidade? Começando pela Área de Letras**”, in: BARZOTTO, V. e BARBOSA, M. V. leitura, escrita e pesquisa em letras: análise de textos acadêmicos. Campinas: Mercado de Letras (Coleção fazer A-parece), 2014.

BRASIL . Decreto n. 5.626 de dezembro de 2005. Regulamenta a LEI n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-libras e dá outras providências Disponível em: http://planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm acesso em: 09 maio 2017.

BRASIL. Portaria n. 96/2013. Brasília: CAPES. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/educaco-basica/capespibid>. Acesso em: 01 jul. 2016.

BRASIL. **Declaração de Brasília.** Brasília, 2005. Disponível em: www.mre.gov.br/aspa/Decl/portugues.doc. Disponível em: 07 abr. 2016.

CAPES - COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR Portaria n. 46, de 11 de abril de 2016. Capes Regulamento PIBID completo, Carlos Afonso Nobre. Disponível: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/15042016-Portaria-46-Regulamento-PIBID-completa>. Acesso em: 08 maio 2017.



CEPEC. Conselho nacional de educação. **Projeto pedagógico do curso de letras: libras.** Disponível em: <https://www.letras.ufg.br/up/25/o/2014_PPC_libras.pdf>. Acesso em: 15 maio 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, m. E PADILHA, P. R. **Cidade educadora: princípio a experiência.** São Paulo: Cortez, 2004.

GESSER, Audrei. **Metodologia de ensino em LIBRAS como L2.** UFSC: Florianópolis, 2010.

_____. **O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender LIBRAS.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

HERNANDEZ, F. E VENTURA, M. **A organização do currículo por projeto de trabalho.** Porto alegre: Artmed, 1998.

LIBÂNEO, J. C. **Produção de saberes na escola: suspeitas e apostas,** In: CANDAU, Vera Maria. Didática, currículo e saberes escolares. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, pp.11-45.

MARQUES, M. O. **A formação do profissional da educação.** Ijuí: Unijuí, 2003.

PIBID – PROGRAD. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência e Pró-reitora de Graduação. Disponível em: <https://pibid.prograd.ufg.br/pages>. Acesso em: 10 maio 2016.

SAVIANI, Demerval. **A pedagogia no Brasil.** História e teoria. Campinas: Autores Associados, 2008.

SILVA, M.; GUIMARÃES, S. F. **Ensinar história no Século XXI: em busca do tempo entendido.** Campinas: Papyrus, 2007.

VALENTE, Wagner R. **A formação em serviço do professor coordenador pedagógico a partir da troca de experiências e como possibilidade de produção de conhecimento.** Caderno de formação, Apeoesp, Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo, n.2 (Nov. 1990). Disponível: <http://eventos.ufgd.edu.br/enepex/anais/arquivos/792.pdf> Acesso: em 13 mai 2016.

VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico.** 7. ed. São Paulo: Libertad, 2000.

VILLALTA, Luiz Carlos (1992/1993). **Dilemas da relação teoria e prática na formação do professor de História: alternativas em perspectiva.** In: Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 13, n. 25/26, set. 92/ago. 93, pp. 223-232.